



TRANSLATION AND NOTE ON TRANSLATION OF “THE MAN WHO KNEW JAVANESE” BY LIMA BARRETO

TRADUÇÃO E NOTA À TRADUÇÃO DE “O HOMEM
QUE SABIA JAVANÊS” DE LIMA BARRETO

Michel Emmanuel Félix François*

ABSTRACT

This text is a translation to English of “The man who knew javanese” by Lima Barreto with an introductory note. The note on the translation presents a brief overview of the challenges of translating Lima Barreto’s prose, such as the creation of the character as the representational constitution of the society of that time and the author’s style with a creative syntax, which attests to the types portrayed in the narrative. The tone of rascality, which permeates the short story, was one of the objectives sought in the translation.

Keywords: Lima Barreto; The man who knew javanese; translation into english.

RESUMO

Esse texto é uma tradução de “O homem que sabia javanês” de Lima Barreto para o inglês acompanhado de uma nota introdutória. A nota à tradução apresenta um breve apanhado dos desafios da tradução da prosa limabarretiana, tais como a criação de personagem como representação da sociedade de então e o estilo próprio do autor com uma sintaxe criativa que evidencia os tipos tratados na narrativa. O tom de malandragem que permeia o conto foi um dos principais objetivos buscados na tradução.

Palavras-chave: Lima Barreto; O homem que sabia javanês; tradução para o inglês.

* Professor adjunto do Departamento de língua inglesa, suas literaturas e tradução, da UFC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5570-576X>

When translating Lima Barreto's literary work, nothing can be left unnoticed or purposeless. First and foremost, a close analysis of the intricacies of the human tide found in his work is key to unlocking the understanding of the representational constitution of society as depicted by the author. The fictional characters bear stunning resemblance with the diverse individuals that populate the city. Some are promptly made recognizable through their idiosyncrasies, although most critics ascertain that Lima Barreto distorts the chief characteristics of his characters so as to demean society's false morality.

In the face of such particularity, the task of translating Lima Barreto's work can be rather treacherous. For one thing, as pointed out by most critics, his lax writing style is offset by the strength of his intention and the endurance of his characters. In this regard, Francisco de Assis Barbosa (2017) cunningly highlights that the writer's flaws and irregularities are not driven by an indulgent literary craft that conceals the artistic value of his work, but rather by the expressiveness of such, which aggregates consistency and trustworthiness. For this very reason, translators should take a stance to combine craftsmanship and knowledge, rather than rush to get the translation task done, which at times may fall apart at the seams.

Lima Barreto himself admitted to loosening his syntax because he believed that what he said was more important than how he said it. For this purpose, he conversely makes use of his translational capacity to allow his thought or feeling to sprout up (Francisco de Assis Barbosa, 2017). Therefore, when translating Lima Barreto's work, attention must also be brought to the perils of overconfidence. Everything that seems obvious can urge an inattentive translator to jump to early conclusion and therefore miss the core message. This might be the case in one of Lima Barreto's best short stories: "The man who knew Javanese" because what seems to be a funny story can actually conceal an acute critic of an unfruitful social bondage.

"The man who knew Javanese" is a masterpiece of Lima Barreto's literary work. In this stunning short story, the main character reveals how he cheated around to make ends meet. Castelo is a crook character who boasts his crime. He confesses his witty plan to pretend to be a Javanese teacher. Upon arriving in Rio, Castelo finds himself in dire poverty; as he is incapable of paying his bills, he uses subterfuge and bluff all along. He takes full advantage of his benefactors. In this short story, Lima Barreto shows how a fragmented society allows for a growing institutional precarity in which infamy becomes fame.

O homem que sabia javanês

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

The man who knew Javanese

Once, in a tearoom, I was telling my friend Castro of the jokes I had played on conviction and respectability to make a living.

There was even a time in Manaus I had to conceal my college degree in order to build more trust with the customers that flowed into my sorcerer's and soothsayer's office. I said.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

– Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

– Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho aguentado lá, no consulado!

– Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

– Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

– Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

– Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

– Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

– Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Commercio* o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas etc.”

My friend listened in silence, with rapt attention, enjoying my own version of the adventures of Gil Blas, when, after a pause in the conversation, as we emptied our glasses, he observed vaguely:

– You’ve had quite a clever life, Castelo!

– There is no other way of life...having a single occupation, leaving home and coming back home at regular hours – is boring, don’t you think? I don’t know how I could stand it there, at the consulate!

– It’s tiring; but that’s not what I find astounding. What astounds me is that you have lived so many adventures here, in this idiotic and bureaucratic Brazil.

– Come on! Right here, my dear Castro, one can find beautiful pages of life. Imagine that I was even a Javanese teacher!

– When? Here, after you came back from the consulate?

– No, before. By the way, that’s why I was appointed consul.

– Tell me about it. Will you have another beer?

– Yes.

We ordered another bottle of beer, filled up our glasses, and then I added:

I had recently arrived in Rio and I was living in extreme poverty. I was constantly moving from a boardinghouse to another one, not knowing where and how to make money. That’s when I read an advertisement in the *Jornal do Commercio*:

“Javanese teacher wanted. References, etc.”

Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os "cadáveres". Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a *Grande encyclopédie*, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e à língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo malaio-polinésio, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A Enciclopédia dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronunciação figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu "a-b-c" malaio, e, com tanto afinco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos:

Well, I told to myself, there won't be many candidates for this job; if I can learn four words, I'll introduce myself. I left the tearoom and walked along the streets, imagining myself as a Javanese teacher, making money, riding on streetcars, and getting rid of my creditors. I nonchalantly went to the National Library. I didn't know for sure what book I would request, but I entered, handed my hat to the doorman, got a service ticket, and went upstairs. On the stairs, it occurred to me that I should request the *Grande encyclopédie*. Volume J, in order to consult the article on Java and the Javanese language. No sooner said than done. After a few minutes, I learned that Java was a large island in the Sunda Archipelago, a Dutch colony, and that Javanese was an agglutinant language of Malayo-Polynesian group, with a noteworthy literature and the alphabetic writing derived from the ancient Hindu alphabet.

The Encyclopédie referred to some works on the Malay language and I soon decided to consult one of them. I copied the alphabet, its phonetic pronunciation, and left. I walked along the streets, wandering about and crunching letters.

Hieroglyphs danced in my head; from time to time I consulted my notes; I went to the gardens and wrote those characters in the sand to store them in my memory and practice their writing.

At night, when I was able to go home without being seen, thus avoiding indiscreet questions from the landlord, I continued to swallow my Malayan "ABCs" in my room, and such was my resolute intention of pursuing this task that the next morning I knew them perfectly.

I convinced myself that it was the easiest language in the world and I left, but not so early as to avoid bumping into the landlord who leased the rooms:

- Senhor Castelo, quando salda a sua conta? – Mister Castelo, when are you going to pay your bill?
- Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança: Then I replied, with the most captivating hope:
- Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... – Soon... Wait a little... Be patient... I'm going to be appointed as a Javanese teacher, and...
Vou ser nomeado professor de javanês, e...
- Por aí o homem interrompeu-me: Then he interrupted me:
- Que diabo vem a ser isso, senhor Castelo? – What the hell is that, Mister Castelo?
- Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem: I enjoyed the amusement and struck his patriotism:
- É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é? – It is a language spoken in Timor. Do you know where it is?
- Oh! alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses: Oh! Naïve soul! The man forgot about my debt and told me in his strong Portuguese accent:
- Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, senhor Castelo? – I don't know for sure; but I heard that they are some lands that we have near Macau. And do you know this, Mister Castello?
- Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar. Encouraged by this fortunate way out that Javanese had offered me, I looked for the advertisement again. It was there. I faithfully decided to apply for the job of teaching the oceanic language. I wrote a covering letter, went to the Journal and dropped the letter. Soon afterwards, I went back to the library and continued my studies of Javanese. I didn't make great progress that day, whether from finding the Javanese alphabet to be the only knowledge necessary for a teacher of the Malay language or from committing myself more to the literary bibliography and history of the language I was going to teach.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, barão de Jacuecanga, à rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. É preciso não te esqueceres que entrementes continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder “como está o senhor?” — e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico.

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil – podes ficar certo – aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desgarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortíferas. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Two days later, I received a letter asking me to see Dr. Manuel Feliciano Soares Albernaz, Baron of Jacuecanga, on Conde de Bomfim Street. I don't remember the number. You have to remember that in the meantime I continued to study my Malayan, that is, Javanese. Besides the alphabet, I knew the names of a few authors, also how to ask and answer “how are you, sir?” and two or three grammatical rules, and all that knowledge ballasted by twenty vocabulary words.

You can't figure out the difficulties I went through to get four hundred réis for the trip! It is easier – you can be sure of that – to learn Javanese. I went on foot. I was sweating when I got there; and with maternal tenderness, the old mango trees, which lined up in front of the noble man's house, received me, welcomed me, and comforted me. In my entire life it was the only time I felt the sympathy of nature...

It was an enormous house that seemed deserted; it was shabby but for some reason I thought it had been ruined through neglect and weariness with life rather than through poverty itself. It must have been years since it was last painted. The walls were peeling off and the edges of the roof, made of those outdated glazed tiles, were dismantled here and there like decaying or ill-treated dentures.

I looked at the garden for a while and saw the vindictive strength with which the nutsedges and the burs had expelled the caladiums and begonias. The crotons, however, still endured with their foliage of lifeless colors. I knocked. They took a while to open up. At last there came an elderly black African, whose cotton-like beard and hair gave his countenance a sharp impression of age, sweetness, and suffering.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora.

Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

– Eu sou – avancei – o professor de javanês, que o senhor disse precisar.

Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?

– Não, sou de Canavieiras.

– Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo.

– Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu.

– Onde fez os seus estudos?

– Em São Salvador.

– E onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar os velhos.

In the room there was a portrait gallery: arrogant bearded gentlemen in collars were aligned in immense golden frames, and sweet profile of ladies, their hair parted and lying on either side of the forehead, holding large fans, apparently ascending into the air, inflated by their hoop dresses; but, of all the old things to which dust had conceived greater respect and antiquity, what I most enjoyed was a beautiful porcelain vase from China or India, as they say. The purity of the china, its fragility, the ingenuity of the design and its opaque moonlight shine told me that this object had been made by the hands of a dreaming child for the enchantment of the weary eyes of disillusioned old men...

I waited a moment for the owner of the house. He delayed a bit to come. Somewhat unsteady, with a large red handkerchief in his hand, venerably sniffing the snuff of the old days, the sight of him filled me with respect.

I felt like leaving. Even if he weren't the disciple, it would always be a crime to mystify the elderly man, whose age brought to mind something of the august, the sacred. I hesitated, but I stayed.

– I am, I put forth, the Javanese teacher that you said you needed.

Have a seat. The old man replied. Are you from here, from Rio?

– No, I'm from Canavieiras.

– What? He said. Speak a little louder, I'm deaf.

– I'm from Canavieiras, in Bahia, I insisted.

– Where did you study?

– In São Salvador.

– And where did you learn Javanese? He asked, with that peculiar stubbornness of the old.

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

– E ele acreditou? E o físico? Perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

– Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele basané podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio... Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

– Bem, fez o meu amigo, continua.

– O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:

– Então está disposto a ensinar-me javanês?

– A resposta saiu-me sem querer: – Pois não.

– O senhor há de ficar admirado, aduziu o barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

– Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...

– O que eu quero, meu caro senhor...

– Castelo, adiantei eu.

I didn't expect that question, but I immediately made up a lie. I told him that my father was Javanese. A crewmember on a merchant vessel who had come to Bahia and settled down near Canavieiras as a fisherman, got married and prospered, and it was from him that I had learned Javanese.

– And did he believe? And what about your features? Asked my friend, who until then had listened in silence.

– I'm not much different from a Javanese, I objected. My straight, stiff and thick hair, and my dark completion may give me the look of a Malayan mestizo... As you well know, you can find everything among us: Indians, Malaysians, Tahitians, Madagascans, Guanches, even Goths. It's an association of races and types that's the envy of the entire world.

– Well, said my friend, go on.

– The old man, I added, listened to me attentively, considered my bodily makeup for a while. It seemed he judged me the son of a Malayan indeed, and asked sweetly:

– So, are you willing to teach me Javanese?

– The answer came out unintentionally: – Certainly.

– You must be surprised, argued the Baron of Jacuecanga, that at my age I still wish to learn something, but...

– It's not surprising. There have been examples and very prolific examples...

–What I want, my dear Mr....?

– O que eu quero, meu caro senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: “Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz”. Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

What I want, my dear Mister Castelo, is to fulfill a family oath. I don't know if you're aware that I'm the grandson of Counselor Albernaz, the one who accompanied Pedro I, when he abdicated. When he was returning from London, he brought back here a book written in a strange language, which I held in great esteem. It was given to him by a Hindu or a Siamese in London, as a token of gratitude for some service rendered by my grandfather. As my grandfather was approaching death, he called for my father and told him: "Son, I have this book here, written in Javanese. Someone gave it to me and told me that it prevents misfortune and brings happiness to his owner. I don't know for sure. In any case, keep it, but if you want the fate that the Eastern wise man bestowed on me to be fulfilled, make sure that your son will understand it, so that our lineage will always be happy. My father, continued the old Baron, didn't believe much in that story; however, he kept the book. At death's door, he gave it to me and told me of his promise to his father. At first, I took little notice of the storybook. I put it aside and constructed my life. I even came to forget it; but, for some time now I've gone through so much trouble, I've been so unfortunate in my old age that I remembered the family talisman. I have to read it, understand it if I don't wish my last days to spell the disaster of my posterity; and in order to understand it, I certainly need to understand Javanese. That's it. He fell silent and I noticed that the old man's eyes had gotten wet. He discretely wiped his eyes and asked whether I wanted to see the book. I said I did. He called out the servant, gave him instructions and explained to me that he had lost all his sons and his nephews but a married daughter, whose offspring, however, was an only child, with a weak body, a poor and altering health.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o senhor barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa Única! Ele não se cansava de repetir: "É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! Onde estava!?"

The book arrived. It was a bulky book, and old leather bound in-quarto, printed in large type on thick yellowing paper. The title page was missing and therefore the publication date could not be read. There were still a few pages of preface, written in English, where I read that these were about the stories of Prince Kulanga, a Javanese writer of outstanding merit.

I immediately told the old Baron about this, not realizing that I had gotten there through English, he much admired my knowledge of Malayan. I was still flipping through the bulky book as someone who masterfully knows that indecipherable language, until we agreed on payment terms and time, undertaking to let him read the old book within a year.

Shortly afterwards, I taught him my first lesson, but the old man wasn't as diligent as I was. He was unable to learn how to distinguish or write even four letters. At last, it took us a month to learn half the alphabet and the Baron of Jacuecanga couldn't really master the discipline: he would learn and unlearn.

His daughter and son-in-law (I think until then knew nothing about the history of the book) came to know about the old man's study; they didn't bother. They found it quite amusing and considered it a nice thing to entertain him.

But what will really astound you, my dear Castro, is the admiration the son-in-law had for the Javanese teacher. What a unique thing? He wouldn't stop repeating: "It's astounding! So young! If I knew that, ah! Where would I be!"

O marido de dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...

Ficava estático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribui muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a coisa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. – “Qual! Retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!” Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

Dona Maria da Glória's husband, such was the name of the Baron's daughter, was an appeal court judge, a well-connected and powerful man, but not uncomfortable to show everyone his admiration for my Javanese. The Baron was also very delighted. Two months later he had given up learning and asked me to translate for him, every other day, a passage from the enchanted book. I just need to understand it, he said; there is no reason I can't have someone else translate it for me and listen. That way I would avoid the fatigue of study and fulfill my mission.

As you know I still don't know anything about Javanese, but I made up a few foolish stories and impinged them on the old man as being from the chronicon. He would listen to all that nonsense!...

He was ecstatic, as if he were listening to the words of an angel. And I grew before his eyes!

He let me live in his house, filled me with gifts, raised my salary. At last, I could profit from the opportunity to enjoy a sumptuous life.

What contributed much to this was the fact that he happened to receive an inheritance from a forgotten relative who was living in Portugal. The good old man attributed such a blessing to my Javanese; and of that I was almost convinced myself.

I lost all remorse; but in any case, I feared that someone who knew that Malayan patois might show up. I got so scared when the kind Baron sent me with a letter to the Viscount of Caruru, so that I could become a diplomat. I vehemently presented all objections: my ugliness, lack of elegance, my Malayan features. “What it is now! He sharply replied. “Go, boy; you know Javanese!” I went. The Viscount sent me to the Foreign Secretary with several recommendations. It was a success.

O diretor chamou os chefes de secção: “Vejam só, um homem que sabe javanês – que portento!”.

Os chefes de secção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: “Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!”.

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: “É verdade, mas eu sei canaque. O senhor sabe?”. Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o pincenez no nariz e perguntou: “Então, sabe javanês?”. Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. “Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta...

O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para ano, parta para Bâle, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller, e outros!”

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas malaio-polinésicas; mas não havia meio!

The director called out the heads of section: “look, a man who knows Javanese – what a prodigy!”

The heads of section took me to the officials and the clerks and one of them looked at me more with hatred than envy or admiration. And every one said: “So you know Javanese! Is it difficult? There is not a single person here who knows it!”

The clerk who looked at me with hatred replied: “It’s true, but I know Kanaka. Do you? I replied I didn’t and I went to see the minister.

The high authority stood up, put his hands on his hips, straightened his pince-nez onto his nose and asked: “So, do you know Javanese?” I said I did; and when he inquired where I had learnt it, I told him the story of my Javanese father. “Well, told me the minister you must not go into diplomacy, your appearance wouldn’t allow you to do so...

A good thing would be a consulate in Asia or Oceania. For now, there is no vacancy, but I’m going to carry out a reform and then you will be hired. From now on, however, you are an attaché in my ministry and I want you leave for Bali next year, where you’ll represent Brazil at a Linguistics Conference. Study, read Hovelacque, Max Müller, and others!”

Imagine that until then I knew nothing of Javanese, but I was hired and would represent Brazil at a scholar conference.

Before his death, the old Baron passed the book down to his son-in-law so that he might pass it on to the grandson when he would come of age and left me some inheritance in his will.

I went about studying the Malayo-Polynesian languages with great enthusiasm, but there was no way forwards!

Bem jantado, bem-vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: Revue

Anthropologique et Linguistique, Proceedings of the English-Oceanic Association, Archivo Glottologico Italiano, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: "Lá vai o sujeito que sabe javanês". Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi, no *Jornal do Comercio* um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

– Como, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

– Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas publicações de geografias, e depois citei a mais não poder.

– E nunca duvidaram? perguntou-me ainda o meu amigo.

– Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzeado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês – uf!

Well fed, well dressed, and well rested, I didn't have the necessary energy to get those weird things into my head. I bought books, I subscribed to magazines: Revue

Anthropologique et Linguistique, Proceedings of the English-Oceanic Association, Archivo Glottologico Italiano, every effort, for nothing! And my reputation kept on growing. In the street, those who were informed about me pointed me out, telling others: "There goes the man who knows Javanese". In bookstores, grammarians consulted me about pronoun placement in that jargon of the Sunda Islands. I received letters from inland scholars, newspapers mentioned my knowledge and I turned down a group of students thirsting to learn Javanese. At the editor's invitation, I wrote a four-column article for the *Journal of Commerce* on ancient and modern Javanese literature.

– How, if you didn't know anything? The attentive Castro interrupted me.

– Very simple: first, I described the island of Java, with the help of dictionaries and a few geography publications, and then I quoted as much as I could.

– And no one ever doubted? My friend asked.

– Never. But I almost got lost once. The police arrested a man, a sailor, a tanned type who just spoke in a weird language. They called for several interpreters, no one understood him. I was also called, with all the respect that my knowledge deserved, naturally. I delayed into going, but ended going anyway. The man had already been released, thanks to the intervention of the Dutch consul, to whom he made himself understood through a couple of Dutch words. And that sailor was Javanese – whew!

Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na secção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no Mensageiro de Bâle o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela secção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a secção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do Mensageiro de Bâle, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo senador Gorot. Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase toda a herança do crédulo e bom barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da República, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

– É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

– Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?

– Que?

– Bacteriologista eminente. Vamos?

– Vamos.

The time of the conference finally arrived, and I set off for Europe. How delightful? I attended the opening of the preparatory sessions. I was registered in the Tupi-Guarani session and I left for Paris. Before, however, I had the Bali Messenger published my portrait, biographical and bibliographical notes. When I returned, the president apologized for having assigned me to that session; but he didn't know my works and pondered that as an American Brazilian I was naturally appointed to the Tupi-Guarani session. I accepted the explanation and until now I haven't been able to write my works on Javanese to send him as promised.

When the conference was over, I had extracts from the article in the Bali Messenger published in Berlin, Turin, and Paris, where the readers of my works offered me a banquet, presided over by Senator Gorot. All that entertainment, including the banquet that was offered to me, cost me roughly ten thousand francs, almost the entire inheritance from the credulous and good Baron of Jacuecanga.

I wasted neither time nor money. I became a national glory, and when I stepped off at Quay Pharoux, I was accorded an ovation from all the social classes and the President of the Republic, some days later, invited me to join him for lunch.

Within six months, I was appointed consul in Havana, where I spent six years and there I shall return to improve my studies of the Malayan, Melanesian, Polynesian languages.

– That's fantastic – Castro observed, picking up his glass of beer.

– Listen: If I weren't happy, do you know what I would be?

– What?

– An eminent bacteriologist. Shall we go?

– Let's go.

REFERÊNCIAS

SCHWARCZ, L. M. *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 71-79.